

Gramática da morte e amor à obediência

Acácio Augusto*

Roberto Saviano

O contrário da morte: cenas da vida napolitana. Tradução de Ana Maria Chiarini. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009, 96pp.

O jovem jornalista, formado em filosofia, Roberto Saviano é autor de *Gomorra*, livro de um fôlego impressionante que surpreende o leitor pela coragem e crueza das palavras. Sua publicação rendeu-lhe intermináveis perseguições, a mando dos integrantes da máfia napolitana, por escancarar o funcionamento do “sistema” Camorra. Hoje, livros sobre máfias italianas, seguidos de filmes com sucesso de bilheteria (caso, também, de *Gomorra*) não são novidades, mas Saviano é uma diferença considerável.

Em *Gomorra*, expõe uma máfia que corresponde à nova dinâmica do exercício do poder no capitalismo contemporâneo, não mais constituída por uma estrutura piramidal, como mostrou no cinema Francis Ford Copolla, com a saga *O poderoso chefão*, mas que funciona em um fluxo veloz, modular, que elimina e substitui, com rapidez, postos de mando e obediência de alto a baixo, agindo por todo o planeta e criando interfaces com variados consumidores e fornecedores. Ela já não se restringe ao demonizado mercado das drogas e das armas com seus escoamentos para o mercado legal, mas *trabalha* com qualquer produto ou serviço que gere divisas volumosas, de forma rápida e fácil, incorporando desde serviços de coleta de lixo industrial até o luxuoso mercado da moda, com suas grifes famosas e caras. Em resumo, mostra o que liga o traje de Angelina Jolie no *Oscar* a um menino que dirige caminhões com lixo tóxico num aterro ilegal em Nápoles.

Em seu novo e curto livro lançado no Brasil, *O contrário da morte: cenas da vida napolitana*, apresenta uma análise jornalística e sociológica, com lentes de aumento. Nascido e crescido num bairro de Nápoles dominado

* Pesquisador do Nu-Sol, doutorando em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, bolsista Capes, professor na Faculdade Santa Marcelina. Recentemente publicou em co-autoria com Edson Passetti, *Anarquismos & Educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

E-mail: estadoalterado@yahoo.com.br

pela Camorra, esmiúça o efeito mais imediato da existência das máfias na vida das pessoas, especialmente os jovens, que vivem naquela cidade portuária. Um curto livro-reportagem com duas histórias que poderiam ser facilmente confundidas com literatura de ficção, pela fluidez da escrita de Saviano e pelo absurdo das histórias relatadas. Nessas duas histórias, *O contrário da morte e O anel*, expõe o risco de morte de quem vive num espaço monitorado, sob o domínio dessa outra forma de fascismo que é a máfia, com seus negócios e execuções, e nas circunvizinhanças de outra lucrativa empresa que se alimenta de cadáveres: a guerra. Estamos diante da guerra que mata ao longe e da guerra de morte que se trava todos os dias. Nestas duas histórias jovens morrem, de maneira banal e brutal, antes de completarem um quarto de século em vida, uma vida também banal e brutal que se acotovela entre sonhos de casamento, armas e repetitivo cotidiano de misérias, fé e mulheres vestidas de negro.

Para Saviano o contrário da morte não é vida, mas o amor. No entanto, nos faz ver que o amor de jovens, que se realiza entre a sobrevivência, um emprego na guerra e o sonho de um casamento, comprime a existência premida pelo amor à obediência que leva à guerra. Não mais o amor à pátria ou aos grandes ideais que alimentaram com sangue de jovens as grandes guerras entre nações no século XX, mas um amor a uma vidinha que se quer pacata, submissa e enterrada em algum bairro da periferia de Nápoles. O amor de jovens acontecendo entre senhoras católicas enlutadas; nos bares de veteranos de outras guerras, contornando a guerra cotidiana travada pela Camorra e que, por fim, mata aqueles jovens que não foram até Cabul para morrer em missão de paz da ONU. Um amor e uma vida com um estranho parentesco, ou semelhança, com a vida nos bairros da periferia de São Paulo e de seus jovens moradores, que quase sempre morrem na esperança de um bom emprego, uma mulher que lhe ame e uma casa para ela cuidar. Nesse desejo eles são servidores das empresas do tráfico ou empregados subalternos que alimentam a esperança em ter o que a TV oferece para eles desejarem com ardor. Sobrevivem entre a vida louca (de ladrão e/ou motoboy), em meio a drogas, mulheres, alianças, carros e música *rap*, e o sonho de ter uma vidinha como a de seus pais, servil e pacata, mas com um pouco mais de conforto material e acesso aos bens consumo.

A guerra mata aos milhares. Em período de guerra declarada entre Estados, modelo de guerra levado ao extremo no século XX, todo

esforço e empenho na empresa da guerra revela o sacrifício necessário e indispensável, fazendo de cada cidadão um soldado. A guerra mata os jovens, mata os pobres e treina para um novo-velho negócio de segurança mercenária, que recruta entre as fileiras de veteranos. A concepção moderna de guerra entre Estados, de guerra declarada com data de início, foi a da guerra que buscava heróis, famosos ou anônimos, para que se acreditasse excepcional diante da ameaça transitória, levando todos a sentirem que antes e depois dela se vivia, vive e viverá em paz. A guerra como empresa do Estado, como decalque em contraste com a paz civil para justificar violências, mortes, investimentos volumosos e sacrifícios coletivos. Foi preciso passar todo século XX e vir, nos EUA, o Vietnã, para que o mundo percebesse que a guerra era mais constante que a indelével utopia de paz. E então, a missão de paz virou a nova designação para a guerra.

O jovem Enzo, personagem da primeira história do livro de Saviano, não morre em nome da guerra, mas em nome da paz, em uma missão de paz em Cabul, no Afeganistão. Para esse jovem napolitano que vive entre servir a Camorra, trabalhar dirigindo um caminhão ou atrás de um balcão de um bar, quase sempre de propriedade de um veterano de outra guerra, ou melhor, de outra missão de paz, como da OTAN na Bósnia, a guerra não é mais uma empresa pública, do Estado. Ir para guerra é, para Enzo e muitos outros jovens, um empreendimento privado e particular, que serve aos seus interesses imediatos para os quais ela é uma saída, uma chance, uma oportunidade de obter um emprego capaz de lhe gerar renda suficiente para, quando retornar, viver em paz com sua noiva Maria. Ela aguarda mediocrementemente sua volta. Enquanto isso, eles trocam fotos e mensagens instantâneas, via internet, aproximando a distância da guerra longínqua, lá nas montanhas afegãs, à proximidade familiar. E é isto. Não está em jogo questionar a guerra, seus motivos, razões ou desrazões. Não há, segundo Saviano, em todo sul da Itália, região que mais fornece jovens para o exército, manifestações ou faixas de protesto contra a guerra; ela é simplesmente algo que existe e dela deve-se tirar o melhor proveito: “aqui se treina para se considerar tudo que acontece como inevitável” (p. 19). Conduta conformista, comum aos jovens das periferias europeias ou não, diante de algo que se crê imutável. Era do alistamento voluntário como expectativa de emprego aos jovens pobres europeus ou não.

No passado recente, lembra Saviano, o soldado desertava do exército e muitos jovens fugiam do alistamento compulsório. Hoje, procura o que é sinônimo de salário e emprego. Esses jovens não se importam em serem chamados de mercenários, pois para eles, soldado é um emprego como outro qualquer. O exército é uma oportunidade! Daí em diante, não há mais nada além do melodrama da “viúva, a noivinha que tropeçou no véu e caiu antes de chegar ao altar” (p. 21). A noivinha treinada para chorar a morte do marido e que tão cedo vestirá preto e aprenderá as ladainhas entoadas pelas mais velhas a todo instante. A noiva chora, sempre. Por um primo, um irmão, um namorado, um parente ou vizinho jovem que morreu em missão do exército transterritorial das nações ou na guerra local empresariada pela Camorra, com seu exército composto de jovens italianos e imigrantes. Qual drama nesta tragédia? Saviano relata o vivido por um jovem de 21 anos mutilado por uma bomba na guerra e uma jovem de 17 anos, morta em vida. O sangue de jovens gerando lucratividades para as empresas legais e ilegais, alimentando e dando forma a uma atualização do amor ao conformismo.

Essa gramática da morte nas missões de paz do exército forma seu duplo com outros jovens que ficam, não seguem para a guerra, mas que, alistados ou não nas fileiras da Camorra, são executados, ora pela polícia do Estado, ora pela própria Camorra. Uma gramática da morte onde valores como o casamento, para além das conveniências sociais, materializam-se em frágeis escudos contra a brutalidade. O anel de noivado protege a menina do norte em sua visita às terras do sul da Itália. As plaquetas de metal usadas no exército penduradas nos pescoços dos sobreviventes das missões de paz, destacam-se entre os jovens napolitanos. Servem para o local, servem para o mundo; estão nas terras tropicais e nos *video-clips* de cantores de *rap* estadunidenses: o anel da noivinha e plaqueta de identificação do rapaz. A juventude dos bairros de periferia das grandes cidades permanece identificada, conservadora e quase morta. Acontece a missa por ocasião da morte de Enzo.

“No momento da comunhão, não se colocavam em fila diante do padre. Na fila postavam-se apenas as idosas do lugar, enquanto todos os rapazes, militares e civis, veteranos e companheiros do exército, seguravam suas placas de identificação. Eles ergueram o cordão pendurado ao pescoço e, no exato instante em que o padre oferecia hóstia às mulheres, puseram na boca a hóstia de metal. Olhei ao redor. Todos faziam o mesmo. Peguei a

minha plaquinha e a apertei também entre os dentes. Eu também a carrego, e tenho a impressão de que desde quando nasci. É uma placa militar, tem gravados o meu nome, sobrenome, a data e o local de nascimento, o grupo sanguíneo e uma frase em latim de Terêncio. O bastante para ser reconhecido, o suficiente para sintetizar quem sou: para me carregar em forma escrita em volta do pescoço. Todos, ou quase todos que conheço, têm a plaquinha, a biografia de metal dependurada. Parece um estilo dos jovens da periferia, uma provocação, uma declaração do estado de conflito metropolitano. Como uma necessidade de se sentir soldado de qualquer jeito, mesmo sem exército, odiando a guerra e amando o combate.” (p. 49-50). Mais uma vez o amor, desta vez de encontro com a morte ou a com morte em vida; alistando-se, amorosamente, num combate que não é de vida, mas de fé cristã, polícias e exércitos estatais, transterritoriais ou empresariais.

De imediato, esse breve escrito de Saviano, que transpirando a amor cristão, pode ser lido como um libelo contra guerra, qualquer guerra; por isso, ele é o contrário da morte, como qualquer folheto antimilitarista e como literatura social. No entanto, para além de um grito ou um susto contra a morte na guerra, esse é um curto relato etnográfico de nosso tempo conservador, em que os jovens morrem obedientes, enquanto os que sobreviverem o suficiente poderão ser identificados como idosos. Estes esperam pacientes e calados como espectadores passivos das execuções que assistem desde sempre das janelas de suas casas ou desviando o olhar de cada uma delas.